

Territorialidade, transnacionalidade de uma religião na fronteira Brasil/Peru: Os Israelitas do Novo Pacto Universal.*

David Adan Teixeira Saénz**

Introdução

Na região do alto Solimões, mas precisamente o município de Benjamin Constant, no Estado do Amazonas Brasil, fronteira com o Peru, habitam povos de diversas culturas, etnias e concepções religiosas. É neste ambiente que realizei um estudo de campo, baseado na análise da territorialidade religiosa¹ e fronteira² de seus adeptos, a partir de dados históricos e etnográficos sobre uma denominação religiosa autóctone de cunho messiânico – que incorporam elementos da cultura e representações cosmológicas andinas a elementos da cultura religiosa judaico cristã, ou seja, representações do mundo indígena Inca, importantes para desconstruir a ideia de predeterminação católica, e ou cristã segundo Marzal (S/D).

Conhecidos oficialmente pela sigla AEMINPU (Associação Evangélica da Missão Israelita do Novo Pacto Universal) ou popularmente como Israelitas (ou irmãos), criada por Ezequiel Ataucusi Gamonal e seus colaboradores em 1968, tendo como objetivo evangelizar o máximo de pessoas para que essas vivam de forma peculiar as características desse grupo, que consiste em seus adeptos se identificarem através de marcadores físicos como: os homens, utilizarem os cabelos e barbas compridas; e as mulheres, os cabelos compridos e cobertos por um véu³. Características que os preparariam para a espera do apocalipse eminente.

*Artigo apresentado a disciplina **PGANS 519 – História, Política Indígena e Indigenismo**, enquanto componente avaliativo. Relativo a avaliação final desta mesma disciplina, realizada no período 2017/1. Entregue na data **07/08/2017**.

**Aluno do curso de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas-PPGAS/UFAM, turma:2017, nível Doutorado. antropologia2010@gmail.com, davidt.saenz@hotmail.com.

¹Abordarei a territorialidade religiosa, enquanto um “conjunto de práticas desenvolvido por instituições ou grupos no sentido de controlar um dado território, onde o efeito do poder do sagrado refletindo uma identidade de fé e um sentimento de propriedade mútuo” (ROSENDAHL, 2005).

²A fronteira de modo algum se reduz e se resume à fronteira geográfica. Ela é fronteira de muitas e diferentes coisas: fronteira da civilização (marcada pela barbárie que nela se oculta), fronteira espacial, fronteira de culturas e visões de mundo, fronteira de etnias, fronteira da história e da historicidade do homem. E, sobretudo, fronteira do humano (SOUZA MARTINS. 2009, p.11).

³Elementos que segundo eles, nada mais é que um meio de diferenciar os Israelitas (o povo escolhido por Deus) dos “estrangeiros” (designação bíblica, para destacar aqueles que não pertencem ao povo de Deus, conhecidos também como gentios), consistindo ainda como parte dessa característica física, de diferenciação do outro, o uso de roupas especiais, algo como replicas das usadas pelo povo Hebreu descritos na Bíblia Cristã – especificamente no velho testamento (SAÉNZ, 2014, p26).

Desde meu primeiro contato – na graduação mediante análise de iniciação científica (2008), até a produção de meu trabalho de conclusão de curso (2010) – com os sujeitos pertencentes a esse movimento, surgiram diversas perguntas referentes às mais diversas facetas que os Israelitas instalados na cidade de Benjamin Constant apresentam. Meu trabalho iniciou-se ao me deparar com um processo de construção de uma identidade a partir da questão religiosa, onde primeiramente busquei compreender os processos de identificação e autoafirmação dos integrantes desta religião, onde considerei a análise da memória do grupo, histórias de vida de alguns informantes, para assim entender os processos de integração na sociedade Benjaminense.

Já num segundo momento – em minha dissertação de mestrado (2014) – O alvo da pesquisa foi a constante circulação dos membros dessa religião pela fronteira do Brasil com o Peru, assim como a fixação de alguns de seus membros nas cidades brasileiras desta fronteira, onde nesse momento pude com mais propriedade e profundidade analisar a chegada dos primeiros Israelitas, como foram construídos e constituídos os primeiros espaços comerciais e religiosos pertencentes aos membros deste movimento. Compreendendo os processos de identificação e autoafirmação dos integrantes desta religião.

Aprofundi minha análise sobre as fronteiras enquanto lugares singulares que, entre outras coisas, se caracterizam por ser o espaço de encontro da alteridade, locais de conflitos étnicos e por serem espaços de contato e acomodação nacional e transnacional. Dentro desta perspectiva meu foco recaiu sobre como são postas as fronteiras para os membros dessa religião no espaço da cidade de Benjamin Constant (Amazonas), se seus movimentos de transnacionalidade seguem ainda nos dias atuais a fórmula do movimento “fronteiras vivas⁴” – que consistia na formação de colônias, transformando todo o meio ambiente em volta, a fim de que estes representem locais sagrados, idealizados. Onde os aspectos políticos institucionais estão presentes e atuantes na ação, através de um poder simbólico que gera e/ou consolida uma vivência entre o sujeito e o território estabelecido ou criado⁵.

Para compreender esses pontos o foco de minha pesquisa sempre girou em torno de diversos aspectos da religiosidade dos membros da AEMINPU, uma delas é a composição de traços diacríticos – retirados da bíblia – que esses indivíduos dão a seus corpos enquanto

⁴Projeto instituído pelo braço político da AEMINPU, denominado “El Frente Popular Agrícola Fia Del Peru” (FREPOP) que é um partido democrático com tendência teocrática, constituído e fundado por Ezequiel Ataucusi Gamonal em 30 de setembro de 1989 como “Gran proyecto der integracion latinoamerica”. (DÉSILETS, 2012)

⁵Essa passagem é uma modificação do descrito em minha dissertação (SAÉNZ, 2014, p.28-30).

marcadores sociais. Os motivos pelos quais os membros do movimento se dispuseram a deixar suas cidades, vender suas propriedades e abandonar seus negócios no Peru, para assim viverem plenamente na Amazônia, “*o Paraíso na Terra*”. Observando através dos dados etnográficos, como o movimento pode ser trabalhado frente a territorialidade – direcionado a territorialidade religiosa – como os elementos que compõem a identidade de seus membros e a própria religião em si, e como estes elementos estão representados no espaço da fronteira.

Através deste processo, observei como se constroem as identidades religiosas e características predominantes em sua formação social, assim como nesse novo contexto geográfico, a Amazônia, ou nos vários contextos pelos quais já passaram. A inserção neste campo de estudos poderia revelar como as mudanças vêm ocorrendo nessa região de fronteira Brasil e Peru, e os contatos que estes mantem com as pessoas, populações, etnias dentre outras formas de organização sociocultural dentro no espaço amazônico. Assim sendo como estes componentes constituem as identidades das pessoas que pertencem a esse grupo religioso, como essas relações sociais são orientadas por códigos de categorias destinados a orientar o desenvolvimento de aspectos que exprimem um sistema de “oposições”, chamado por Roberto Cardoso de Oliveira (1983) como sistemas de contrastes. Que segundo este autor implica a afirmação do “nós” diante dos “outros”, que não se afirma isoladamente.

Para isso utilizei de estudos sobre o local de origem da AEMINPU, de como a cultura de seus membros se processa em meio a questões territoriais religiosas. Como este povo relatou e continua a descrever a chegada de seus membros a cidade de Benjamin Constant, reescrevendo através da memória deste povo o processo de inserção na região Amazônica, e a aquisição de territórios para o sagrado. Que segundo Chaumeil (2000) pode ser expresso também dentro de uma ideologia da terra prometida, envolvendo três interpretações: a Amazônia é imaginada como um hospital; uma região de abundância; uma terra prometida pelo Senhor, concepções muito difundidas para exemplificar a conquista de locais.

Dentro desse horizonte geográfico, minha observação se desenvolveu em meio a concepção de deslocamento, através dos relatos de seus atores, na tentativa de descrever como desenvolveram novos laços e redistribuições tanto no campo cultural como no desenvolver religioso, observando a adaptação de seus membros, e como se relacionam a nova realidade espacial, cultural e religiosa, dentro deste contexto como estão inseridos possivelmente os novos fiéis – os possíveis fiéis brasileiros, os primeiros adeptos conquistados na região.

AEMINPU em Benjamin Constant: primeiros relatos dos Israelitas na fronteira

Para iniciar uma análise breve sobre AEMINPU em B. Constant⁶, primeiramente dou destaque ao processo de passagem e aceitação dos primeiros Israelitas na região de fronteira, como conseguiram a aceitação nas cidades brasileiras. Segundo consta em relatos coletados por Chaumeil (2000), a primeira aparição de um Israelita, em processo de instalação, data de 1997, na cidade de Tabatinga, através da chegada de um deles, portador do dom de cura, sendo esta a estratégia primordial para a implantação de um movimento religioso como o dos Israelitas. O sucesso dos tratamentos espirituais facilitou na inserção dos primeiros Israelitas, que se organizaram rapidamente e construíram duas igrejas, uma sob a autoridade de um pastor brasileiro e outra sob o comando de um pastor peruano. Pouco tempo depois ambas se dissolveram devido a conflitos entre seus líderes; anos depois se reergueram. Ainda hoje há dois templos, “Nova Jerusalém” e “Leão de Judá”, o primeiro na zona portuária da cidade de Tabatinga e o segundo em um bairro residencial. A maior parte dos Israelitas que habitam na cidade de Tabatinga vive na zona portuária, num local conhecido como “Feira dos Peruanos”; outros estão espalhados pelos entornos desse bairro, já que estes sujeitos tem a necessidade – devido seu comercio ser especificamente de produtos vindos do Peru – de estarem próximo do porto, para melhor circulação de suas mercadorias.

Em B. Constant é muito visível a presença dos Israelitas, mas diferente da cidade vizinha onde os primeiros contatos se deram por intermédio de curas espirituais, nesta cidade temos os primeiros contatos pautados pelo comércio de produtos agrícolas Israelitas, provenientes da cidade peruana de Islândia, que realizavam todos os dias um trajeto de pouco mais de 5 km de distância entre essas cidades. Segundo relatos da própria comunidade AEMINPU em B. Constant, os primeiros Israelitas que se instalaram na região da fronteira, alojaram-se na cidade de Islândia por possuírem parentes ou amigos, e pediram para permanecerem nesta cidade, pois além da cidade de Islândia no rio Javari temos outras comunidades Israelitas rio acima, que de certa forma são bem isoladas. Assim, para fugir do isolamento dessas comunidades optaram por morar em Islândia.

Chaumeil faz o seguinte relato sobre as primeiras migrações dos Israelitas em B.

Constant:

... trata-se sobretudo de adeptos provenientes da cidade vizinha de Islândia (Peru), que vêm vender sua produção agrícola no mercado local ou dos fugitivos das colônias do Javari, que acharam emprego de diarista ou de operário na construção da estrada perimetral que deve ligar, um dia, Benjamin Constant a Cruzeiro do Sul. Há uma dezena dessas famílias de fugitivos nas cercanias da cidade. Seu número

⁶ Segundo Silva (2008), em 29 de janeiro de 1898, pela Lei Estadual nº 191, foi criado o município de Benjamin Constant por desmembramento do território do município de São Paulo de Olivença. Localizado na região do Alto Solimões, Sua área territorial 8.742,6 km; tendo com distância á cidade de Manaus capital do Amazonas 1.118 km em linha reta.

aparentemente crescente (o número é difícil de avaliar diante do silêncio dos Israelitas sobre o assunto) está começando a trazer sérios problemas as autoridades brasileiras locais, mas também à congregação, que teme ver sumir assim parte substancial de seus efetivos. Segundo a lei Israelita, toda pessoa que deixa por qualquer motivo a congregação está automaticamente excluída. Essas medidas de exclusão ao menor descumprimento do regulamento, acrescida às condições difíceis do trabalho comunitário, são os fatores que os fugitivos geralmente declaram para justificar suas partidas. Muitos dentre eles não terão, todavia, a possibilidade material de se reintegrarem as suas comunidades de origem, não dispendo então de outra escolha, a não ser engrossar o mercado de mão-de-obra local. Podemos assim dizer que a influência Israelita na fronteira brasileira exerce-se essencialmente a partir do Peru, e em particular, das colônias do Javari. (Chaumeil 2000, p.369)

O relato levantado por Chaumeil vai de encontro à história que os Israelitas me revelaram ao longo dos anos. A partir do relato desses sujeitos ganham outros contornos, assim como mais detalhamento. Aqui vão alguns deles: os primeiros contatos com B. Constant foram realizados em diferentes épocas, e sob diferentes condições, algumas dessas condições fortemente associadas a questões econômicas, outras a questão familiar e é claro a questão religiosa da Terra Prometida, não que todas essas questões não tenham haver com essa “Promessa Messiânica” em questão, mas destaco-as por serem mais pesadas nas decisões desses sujeitos na questão de deixarem suas terras e virem para um local alheio aos seus costumes e cultura. Chaumeil (2000) sublinha que a maioria da inserção dos Israelitas em B. Constant tem a ver com a sua fuga das colônias do Javari. Porém, os mesmos afirmam que não há fuga alguma, o que há é uma circularidade e um período de adaptação dos Israelitas nessas localidades, sendo-lhes dado o direito de escolher se querem ficar ou não na comunidade em que está, comunicando em qual local deseja ir e como fará para se manter nesse novo local.

Segundo Israelitas de B. Constant, além das comunidades do Javari há ainda muitos Israelitas em Caballococha, e Islândia, além de comunidades que ainda estão se formando, principalmente em volta das plantações agrícolas. Muitos optam por viver junto as suas plantações, tanto para não serem saqueados, como para economizar ainda mais, na questão do transporte e venda do produto final nos mercados locais, como os de B. Constant, Tabatinga e Atalaia do Norte. Sempre reiterando que se estão nesses locais, não estão por conta própria, no sentido de que sua estada em um local X ou Y é de conhecimento da congregação a qual pertencem e apresentam-se aos sábados e Festas. Quanto ao problema com as autoridades, em caso recente de denúncia contra os Israelitas sobre o plantio, refino e tráfico de cocaína, eles afirmam que: *“...se dá devido ao envolvimento de pessoas certas pessoas que se dizem Israelitas, ou as vezes até são, ovelhas desgarradas do rebanho, o que devemos fazer é entregar a Deus, pois se estão fazendo algo errado serão punidos, já o papel da AEMINPU é somente de verificar e afastar essas pessoas do convívio do povo santo...”* (Barba-Curta, 13/11/2013).

Cada Israelita possui uma história de vida, um motivo, uma razão, tanto para entrar na AEMINPU quanto para deslocar-se para Amazônia, ou transferir-se ao lado brasileiro da fronteira.

Outro fator que motivou e motiva a inserção desses sujeitos nessa zona de fronteira é o fácil comércio de qualquer produto, o seu fácil transporte e importação, já que B. Constant trata-se de uma cidade brasileira que faz fronteira fluvial com a cidade de Islândia (Peru) por meio do rio Javari. Por este rio chegam vários produtos agrícolas, e por meio do rio Amazonas chegam os produtos industrializados. Em situações excepcionais de seca do rio, como ocorreu em 2010, é possível que essa fronteira se torne seca, o que demonstra a facilidade de circulação de pessoas nessa região. No período de seca, muitos brasileiros e peruanos, fazem seus trajetos a pé (Benjamin Constant-Islândia), com mais frequência e facilidade. Muitos brasileiros fazem o trajeto até Islândia para comprar produtos como: motocicletas, peças de motocicleta, roçadeira, gasolina, etc., produtos estes que são mais baratos frente aos produtos brasileiros, e fazem parte do comércio peruano local.

Ao longo dos anos em que pesquisei o Movimento Israelita pude montar um painel⁷ geral sobre este grupo destacado de peruanos, com um enfoque sobre a cultura, a religiosidade, algumas inserções e ensaios sobre questões envolvendo a fronteira e seus pormenores. Em um primeiro momento foquei em um estudo detalhado sobre sua caminhada pela Amazônia – trabalhando basicamente com estudos de caso sobre os Israelitas no Peru – a logística e os desafios ambientais, disputas internas, disputas com as autoridades locais e disputas com os povos indígenas que estiveram na origem dos grupos de assentamentos agrários desse movimento religioso ao longo dos rios Ucayali e Amazonas Yavarí, como descritos por Désilets (2011).

Realizei uma etnografia que consistiu em descrever a caminhada de seus membros tanto pelo espaço geográfico como pela religiosidade – onde observei a questão da butinagem⁸ religiosa muito forte, visto que os sujeitos transitam nos espaços religiosos e eles vão criando os seus sentidos religiosos de acordo com o que cada religião tem a lhe oferecer, referente a uma tradição de ecletismo e circularidade calcada numa dinâmica de conversões, desconversões e

⁷Utilizando um estudo a partir de autores como Barth (1998), Roberto Cardoso de Oliveira (1983), Geertz (1989), Jean-Pierre Chaumeil (2000), Arturo E. de la Torre López (2004), dentre outros autores clássicos e contemporâneos a antropologia e as disciplinas afins.

⁸Uma definição recente sobre a butinagem caracteriza como “(...) o compromisso perpétuo com a “estrutura religiosa” e suas observações, sendo essa estrutura composta de múltiplos registros religiosos. Neste sentido, a butinagem é um arranjo entre o previsto e o imprevisível, entre o garantido e a abertura, o estruturado (a tradição) e a estrutura (a realidade cotidiana do butinador), quer dizer, entre o pré e o visível, e também os invisíveis. É nesse arranjo, os múltiplos entre, que se representa a criação, a fabricação.” (GREGANICH, Jéssica. 2011, p.100)

reconversões – para isso trabalhei a sua oralidade e memória, tanto especificamente, como de forma geral sobre o movimento, relacionando experiências particulares e gerais de seus adeptos, assim como os habitantes das regiões de fronteira (anteriores aos Israelitas), dentro desta religião.

Propondo para isso, verificar os objetivos dos integrantes e líderes do movimento em sua trajetória pela Amazônia (primeiramente incidindo na Amazônia peruana). Utilizei uma perspectiva de análise das migrações⁹, que será subsidiária para alguns questionamentos e dúvidas que surgirem em campo, já que neste trabalho abordei também, suas trajetórias nos mais diversos locais, seja na Amazônia Peruana ou na Amazônia brasileira, o que me revelou na pesquisa uma série de linhas históricas e individuais, elucidando as ações desses indivíduos antes, durante e após o proselitismo “Israelítico¹⁰”, aspecto este que remete a conversão como fator dentro da trajetória Israelita considerado como marco, uma transição de vida, e início da caminhada que traz muitos sujeitos pertencentes a essa religião à Amazônia.

A partir desse ponto, observei como as relações estabelecidas na cidade de Benjamin Constant, analisando dentro desse espaço como se dão as “redes de conexões¹¹” entre as comunidades Israelitas, as igrejas e congregações, espalhadas pela na Amazônia. Como essas comunidades recebem subsídio intelectual, moral, financeiro e político-institucional para seus eventos, e festas. Fomentando a constituição e o fortalecimento de novos e velhos territórios, respectivamente. Neste caso observei como a territorialidade foi e esta sendo construída no espaço da cidade, neste caso em Benjamin Constant, como foram escolhidos os espaços, para culto, para as festas, plantações e comércio dos membros dessa religião, visto que para Sack (apud HAESBART, 2004) a territorialidade tem um caráter fortemente marcado pelos aspectos políticos, pois ela ressalta a forma como o grupo humano se organiza e vivencia o lugar.

Verificando mais especificamente como se encontra a AEMINPU atualmente, dentro do contexto das cidades de fronteira, com referência a sua religiosidade e os elementos que a compõe, pois cada vez mais, essa instituição religiosa, demonstra uma infinidade de ajustes,

⁹Quero tratar aqui dos fluxos culturais (...) marcada pela migração. Examinando os efeitos de algumas práticas da chamada diáspora (...) nas formas locais de sociabilidade para mostrar que, mais do que catalisadores ou indutores de transformações locais, certos movimentos de gente, capital e bens têm uma notável tendência conservadora e contribuem para a manutenção de instituições tradicionais. (Trajano Filho, 2005)

¹⁰Segundo concepções de seus adeptos, este proselitismo consiste no resgate dos possíveis adeptos antes vistos como estrangeiro (mundano, ou segundo a bíblia os gentios) às práticas – “corretas” – do culto a Jeová. (SAÉNZ, 2014, P.16)

¹¹Ao utilizar o termo “rede de conexões” penso na ideia de espaço simbólico, que engloba a dinâmica e a fusão da materialidade na qual a sociedade se movimenta e seus padrões culturais, sem se ater apenas ao encerramento do espaço em regiões fechadas e permanentes. Vendo o mundo de forma globalizada e reconhecendo que os fenômenos têm explicações em um nível global que ultrapassa a escala do local (BARROS, 2004).

adaptações e modificações. Assim diante do processo de secularização – que a sociedade atual tem reivindicado para si, que ocorre como reação a grande diversidade de instituições religiosas que não estão subordinadas ou ligadas ao seu capital simbólico¹² – os espaços simbólicos da religiosidade acabam, portanto, invadindo os espaços materiais da cidade ou insurgindo da dinâmica social dela.

Desta forma relaciono a territorialidade simbólica da AEMINPU através das relações de poder e capital simbólico, com as festas religiosas e com o argumento religioso dentro do espaço de fronteira encontrado dentro da cidade de Benjamin Constant. Pois entendo que a religiosidade deste grupo promove um processo de mobilização social efetivado de forma eficiente em três dimensões possíveis: uma classificação de área; um controle de acesso; um modo de comunicação. Percebendo como a territorialidade religiosa se dá ao longo das comunidades instaladas na Amazônia, e como este movimento religioso vem se transformando dentro da cidade de Benjamin Constant – ou de como ele veio, por meio de seus adeptos, modificando e adicionando novos elementos a medida que foram se instalando e reinstalando, migrando e imigrando através da fronteira Amazônica entre o Brasil e o Peru.

Cruzando os dados com as informações levantadas em campo, além das teorias, teremos um estudo mais completo sobre esse povo e sua memória, além do contexto histórico ao qual participam, assim como sua migração para região pertencente ao Brasil, especificamente a região a qual pertence o município de Benjamin Constant, formando a partir destes elementos um componente primordial para o estudo dos povos e suas culturas, sua religiosidade, territorialidade dentro do espaço de fronteira e sua maleabilidade, conforme descrito por G. Velho (2004). Busquei observar como estas estruturas estão incluídas no contexto da região frente à igreja católica e demais denominações de cunho cristã. Como essas outras vertentes do cristianismo veem o crescimento constante da AEMINPU na região, e como podemos descrever a história e o estado atual de vida, mediante a inserção do movimento e recolocação espacial dentro da Amazônia. Trabalhando através de uma visão que se fundamenta no entorno da identidade popular e na reflexão religiosa, pertencente segundo Marzal (S/D) ao mundo social simbólico dos Israelitas.

Para desenvolver a reflexão que se propõe, foi o suporte das pesquisas antropológicas e de áreas afins sobre as particularidades tanto do movimento Israelita, quanto dos vários

¹²O capital simbólico assegura formas de dominação que implicam na dependência daqueles que este mecanismo permite dominar. Ele só existe na verdade pela estima, pelo reconhecimento, pela crença pelo crédito pela confiança dos outros. Ele só poderá sobreviver muito tempo se conseguir obter o crédito na sua própria existência (BOURDIEU apud COSTA, 2006).

ambientes, geográficos, públicos, religiosos, rurais e urbanos, percorridos por seus adeptos, particularidades como: um país [Peru] que reflete religiosamente um processo, através da colonização Europeia, de dominação alienígena dos “nativos”; a discussão da religiosidade encontrada no Peru e como essa religiosidade constitui novas religiões, credos e crenças; a caracterização, ou melhor, os traços diacríticos pertencentes e representantes como marcadores dos Israelitas; até a disposição de uma população pobre, marcada pelo êxodo rural campesino, sua migração – vales andinos/capital (lima), capital/ floresta Amazônica (primeiramente a conquista de espaços na Amazônia peruana, subsequentemente a conquista de espaços na Amazônia brasileira) – posteriormente para zonas de fronteiras como o Brasil.

Neste sentido minha preocupação inicial se deu – em um caráter mais amplo – sobre os elementos relacionados à como o território é entendido como um espaço onde se manifesta o poder de alguém. Visto que o território define-se por aquele materializado no espaço como um campo de forças, definido e delimitado por relações de poder (RAFFESTIN, 1993), disputadas e ou combinadas entre o poder do Estado e o poder do grupo. Em outras palavras, o território é uma construção social, sujeita às transformações históricas que produzem diferentes grupos humanos em contínua inter-relação, os quais competem pelo controle e apropriação de recursos econômicos e pelo poder político dentro de um espaço geográfico definido.

No caso dos Israelitas a pesquisa partiu da consideração de que o contexto transfronteiriço está em constante disputa e a construção de territórios e territorialidades deve ser observada a partir dos diversos atores sociais envolvidos, problematizando as ações de dominação e exploração, tanto política quanto econômicas, mas, principalmente, enfatizando as diversas formas de resistência e de redefinições territoriais e das relações interétnicas operadas pelas sociedades.

Nessas sociedades contemporâneas prevalece o controle sobre a mobilidade, no caso dos israelitas a partir da religião. Com isso o território deixa de se restringir à pequenas áreas para exercer um papel de controle de redes. Assim a mobilidade passa a ser um elemento fundamental na construção do território como afirma Haesbaert (2004). Quanto às comunidades Israelitas, encarei como território, onde Bonnemaïson (2002), diz que: “Ele não é obrigatoriamente fechado, não é sempre um tecido espacial unido, nem induz a um comportamento necessariamente estável.” Suas fronteiras não podem ser demarcadas facilmente, pois se trata de um conjunto de lugares hierarquizados, sejam eles contínuos ou descontínuos.

A descrição etnográfica de Jean-Pierre Chaumeil (2000) está estruturada nas relações de fronteira entre os sujeitos vindos de fora, os Israelitas, e os outros, neste caso os habitantes

da fronteira – sejam eles indígenas, a sociedade brasileira, e ou peruana e colombiana – assim como as trocas econômicas, questões de terra e espaço geográfico, relações sociais, para falar dos pontos mais gerais que podemos ver enquanto contribuição para o entendimento do processo da instalação da AEMINPU na região que comporta áreas geográficas importantes e delicadas como a tríplice fronteira (Tabatinga, Brasil; Santa Rosa, Peru; Leticia, Colômbia) e a fronteira Benjamin Constant (Brasil) e Islândia (Peru), e toda a tensão das trocas sociais, comerciais, religiosas dentre outras destacadas ao longo dos artigos publicados por Chaumeil.

Além do território, minha análise debruçou-se sobre os fundamentos do movimento Israelita, neste ponto o foco recaiu sobre o entorno da identidade popular, uma reflexão sobre a religião frente a realidade política e social peruana, para isso utilizei os estudos de Manuel Marzal (S/D), pois em suas reflexões sobre o movimento Israelita encontramos definida uma preocupação pelos elementos religiosos relacionados ao popular dentro do contexto latino-americano, visto que este autor trás uma perspectiva em que as igrejas autóctones como a Israelita tem se expandido de uma forma muito rápida que apesar de terem menor expressão frente a Igreja Católica, conseguiram nas últimas décadas um crescimento extraordinário dentro do Peru.

Neste sentido a visão de Kenneth D. Scott (1989), ajudou-me na pesquisa, pois, este, realiza sua discussão sobre os fundamentos do movimento Israelita, segundo ele trata-se de uma religião que cria certo grau de incompatibilidade com todas as religiões advindas do cristianismo e desvinculando-se até do adventismo a qual deu origem a muitos de seus fundamentos, pois as definições religiosas desse movimento está acrescentada à uma nova visão influenciada por diversas vertentes religiosas e culturais vividas pelo seu líder e fundador Ezequiel Ataucusi Gamonal.

Procurei em meu trabalho elucidar questões relacionadas à estruturação e a ampliação (no que se refere a seus adeptos) do movimento Israelita, como se dá individualmente sua predestinação, para isso utilizarei os aportes de Manuel Jesus Granado (1986), visto que ele vem tratando em seu trabalho de uma cosmologia e ligações referentes a questões autóctones, relaciona-se a sua chegada a terra prometida caracterizada aqui pela Amazônia.

A diáspora campesina dentro do movimento Israelita a troca da vida no campo por uma vida na cidade é um dos pontos que Maximinio Cerezo Barredo (S/D) aborda, e que me ajudaram a colocar em discussão das reestruturações religiosas e recomposições sociais desses sujeitos, visto que é nas cidades, como Lima a capital do Peru que ele estuda a figura do campesino (grande parte formada por adeptos da AEMINPU), o autor afirma que eles se reestruturam e passam de campesinos á comerciantes. Esta relação se desenvolveu devido ao

governo peruano na década de 1950 está baseado num modelo centralista, uma vez que este obrigava as populações camponesas a migrarem para os centros urbanos, formando e propondo a estes melhores condições de vida e trabalho.

O que mais à frente, na linha temporal da AEMINPU reforça o aspecto da Amazônia configurada dentro da crença Israelita como a terra prometida por Deus ao povo de Israel. Neste momento de discussão Espinosa (1984) ajuda a pensar o sagrado enquanto território, pois traz a análise de um povo que acreditando estar neste lugar encontrarão o livramento dos castigos de Deus para a humanidade, envoltos numa cosmologia do extermínio, onde os ímpios e pecadores pagarão pelos seus pecados, a terra secará, mas a Amazônia estará livre desta visão e o povo Israelita encontrará sua salvação, afirmação que incessantemente os adeptos da religião Israelita discursam.

Considerações

Por tanto, os Israelitas estão inseridos dentro do contexto amazônico como povo migrante se analisado pela perspectiva peruana dos autores e suas produções científicas, por encontrar-se em uma situação migratória de um ponto a outro dentro do território de seu país. Já emigrante se visto do ponto de vista da entrada do movimento dentro de outro país, ou seja, o Brasil. Nesta pesquisa as duas formas foram observadas, pois o grupo foi analisado desde sua origem até sua chegada à Amazônia como grupo muito específico que se assentou na cidade de Benjamin Constant.

Desta forma, os motivos de sua vinda, a relação com sua chegada e os meios pelos quais foram submetidos a incursão dentro de um território alheio, estranho, devido a questão das terras e espaço ocupado por este grupo serem fora da realidade territorial vividas anteriormente ao ingresso a AEMINPU, são fatores estudados por este projeto, pois trata-se das concepções e visões de seu fundador Ataucusi, ou seja, um poder carismático sobre uma coletividade.

Outro ponto importante diz respeito a questão relativa aos motivos que levam muitos camponeses a migrarem para terras desconhecidas. Trata-se de motivos de ordem religiosa e econômica. De fato, ao analisar essa relação verificou-se que se trata de uma aproximação entre o religioso e o econômico, destacado neste estudo por seus adeptos estarem inseridos nas baixas camadas sociais e serem portadores em sua grande maioria de uma escolaridade primária, assim como seu próprio fundador, e, assim mesmo, adquirirem uma estabilidade financeira. A partir disso percebe-se um orgulho por parte dos integrantes do movimento de afirmarem a seguinte frase que aparece nos depoimentos de meus informantes: “que Deus lhes deu uma sabedoria

para humilhar os sábios e conquistar riquezas”. Assim no município visado por este trabalho eles encontram-se destacados significativamente em diferentes áreas da economia: agricultura, comércio e construção civil.

Segundo os autores pesquisados, os israelitas vêm se afirmando e reafirmando sua identidade de acordo com uma reprodução do modelo de vida do povo de Israel, seguindo preceitos bíblicos que vão desde ritos de adoração até as relações interpessoais, passando por categorias e tipologias físicas como o modo de se vestir, assim como o trato com os cabelos e barbas, o modo que vêem o mundo e o interpretam.

Assim, o estudo do caso dos israelitas serve como um aporte para o entendimento dos movimentos migratórios em meio às fronteiras dos Estados nacionais. Ele serve tanto para entender esse aspecto, como para impulsionar outros estudos, sobre perspectivas tanto religiosas, quanto cosmológicas dos povos amazônicos e suas adequações a novas visões.

Bibliografia: Referências Bibliográficas

BARREDO, Maximinio Cerezo. Movimento Messiânico Milenarista. Centro de Estudio Teologico dela Amazonia (CETA). Iquitos – Perú.

BARROS, José D’ assunção. Espaço e Tempo: Territórios do historiador. In: Santos, Cláudia Andrade dos. Et all. (org). Espacialidade: Espaço e cultura na História. Vassouras: Universidade de Severino Sombra, 2004.

BARTH, Fredrik. Grupos Etnicos e suas Fronteiras. In.POUTIGNAT, Philippe & STREIFF-FENART, Jocelyne. Teorias da Etnicidade. Ed. UNESP. São Paulo, 1998.

BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny. Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. Comciência, 2005.

BOTIA, Carlos G. Zárete. De la frontera-límites y el frente de expansión a la socieda de frontera. In Silvicolas, sirigueros y agentes estatales – El surgimiento de uma sociedad transfronteriza em la Amazonia de Brasil, Perú y Colombia 1880-1932. Letícia: Editorial Universidad Nacional de Colombia, 2008, pp. 27-68.

CHAUMEIL, Jean-Pierre : Par delà trois frontières, l’espace central du Trapèze amazonien (Pérou, Colombie, Brésil). Autrepart, 2000.

CLARKE, Peter B. Movimentos milenaristas japoneses e o papel do Brasil na construção do paraíso na Terra: a Igreja Messiânica Mundial (Sekai Kyusei Kyo). Centre for New Religions King’s College, Londres. I L H A, n.1. Florianópolis, 2000.

COSTA, Elza Marinho Lustosa da. Ritos e Procissões: capital simbólico e dominação nas irmandades religiosas de sobral no limiar do século XX. Fênix: Revista de História e Estudos Culturais, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p.1-13, 2006. Disponível em:<<http://www.revistafenix.pro.br/PDF8/ARTIGO3-Elza.Costa.pdf>>.

DESROCHE, Henri. O Fenômeno e sua Estrutura. In: O homem e suas Religiões: Ciências Humanas e Experiências Religiosas. ed. Paulinas. São Paulo, 1985.

DOMÍNGUEZ, O. A. G. Identidades Culturales en Leticia: Estúdio de Caso Sobre la Historia de Poblamiento del Asentamiento del Rio Calderón, Memorias de Unas Realidades de la Gente Entre lo Húmedo y lo Seco. Monografia de graduação. Universidad Nacional de Colômbia. 2005.

ESPINOSA, E. "La Secta Israel Del Nuevo Pacto Universal: Un Movimiento Mesianico Peruño", en Revista Teológica Limense, vol. XVII. Facultad de Teologia. Lima, 1984.

GAMONAL, Ezequiel Ataucusi. Los Diez Mandamientos de La Ley de Dios. Ed. Ascencios. Lima, 1980.

GAMONAL, Ezequiel Ataucusi. El Decalogo Universal es el Evangelico de cristo. In: La Ley Real. Cartilha para novos convertidos. Lima, 1969.

HAESBAERT, Rogério. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. Porto Alegre, 2004. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>. Acesso em: abril de 2014.

GRANADOS, Manuel Jesús. El Movimiento Religioso de Los Israelitas del Nuevo Pacto Universal, Tesis para optar el Grado de Magíster en Antropología, Pontificia Universidad Católica del Perú, 1986.

GREGANICH, Jéssica. O Axé de Juramidam: A Aliança entre o Santo Daime e a Umbanda. In: Debates do NER, Porto Alegre, ano 12, n. 19 p. 77-106, jan./jun. 2011.

MAZAL, Manuel. Nuevas Iglesias en el Perú Indígena. In: Sustentos, Afliciones y postrimerias de los Indios de America. Dialogo Amerindio/Casa de America – Madrid. Lima – Perú.

MENEZES, Maria Lucia P. (2009). Pequenas cidades em faixa de fronteira na Amazônia: o caso de Tabatinga e Benjamin Constant. In Cidades Brasileiras, vol I, OLIVEIRA, Jose A. (Org.). Edua/FAPEAM, pp.221-248.

NASCIMENTO, Hilton S. A Terra Indígena Vale do Javari e a Fronteira Peruana. <<<http://www.trabalhoindigenista.org.br>>>. Brasília-DF, 2006.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Enigmas e soluções: exercícios de etnologia e de crítica. RJ: Tempo brasileiro. Fortaleza. Universidade Federal do Ceará, 1983.

_____. Os (Des) caminhos da identidade. RBCS. Vol. 15 no fevereiro /2000.

OLIVEIRA. M. Marcia. A mobilidade humana na tríplice fronteira: Peru, Brasil e Colômbia, Estudos Avançados, 2006

_____. Migrações fronteiriças: uma reflexão necessária no Amazonas, Estudos Avançados, 2006

_____. Migrações fronteiriças: uma reflexão necessária no Amazonas. Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas. Ano 6, nº 2, p.151-167, jul./dez.2006

PRATT, Mary Louise. Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação. São Paulo: EDUSC, 1999.

RAFFESTIN, Claude. Por uma geografia do poder. São Paulo: Ática, 1993.

SILVA, Sidney Antônio. Nacionalidade e etnicidade na tríplice fronteira Norte. Manaus-AM. Editora da UFAM, 2008.

_____. A migração dos símbolos. Diálogo intercultural e processos identitários entre os bolivianos em São Paulo. Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas. Ano 6, nº 2, p.151-167, jul./dez.2006

_____. Migrantes em contextos urbanos: uma abordagem interdisciplinar. Manaus: EDUA, 2010.

SIMMEL, A Metrópole e a vida mental. In: O Fenômeno urbano. pp. 13-28.

SCOTT, Kenneth D. Israelites of the New Universal Covenant: Asociacion Evangelica de la Mission del Nuevo Pacto Universal. M. Litt. Dissertation, University of Aberdien. Lima, 1988.

SOUZA MARTINS, José de. Fronteira. A degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: HUCITEC, 2009.

Skar Harald O. Quest for New Covenant. The Israelita Movement in Peru. In Skar H. & F. Salomon. Natives and Neighbors in South America. Gotemburgo Goteborgs Etnografiska Museum, 1987.

TRAJANO FILHO, Wilson. A Sociabilidade da Diáspora: O Retorno. Série Antropologia 380. Departamento de Antropologia/Universidade de Brasília.Instituto de Ciências Sociais/Universidade de Lisboa. Brasília, 2005.

TORRE LÓPEZ, Arturo E de la. Los Israelitas: um milenarismo de finales de milênio. In: Movimientos milenaristas y cultos de crisis em el Perú. Lima, PUCP, 2004.

TORRE LÓPEZ, Arturo E de la. Cambio Religioso en el Mundo Andino: Un testimonio etnográfico. In: Renovación Ecuménica, no117. Salamanca, 1996.

TORRE LÓPEZ, Arturo E. de la. La más rigurosa secta de nuestra religión: la Asociación in:

MARZAL, Manuel M. Religiones Andinas. Evangélica de la Misión Israelita del Nuevo Pacto Universal. Trotta. Madrid, 2005.

VELHO, Gilberto (org). Antropologia Urbana: Cultura e Sociedade no Brasil e em Portugal. 3ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

_____; Kuschnier. Karina (orgs). Pesquisas Urbanas: Desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

WEBER, Max. "Relações Comunitárias. In: Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva. ed.UnB, Brasília. 1994.

_____. Conceito e Categoria de Cidade in VELHO, O. O Fenômeno Urbano, p 67-88. 1967.